

PREPARAR MACAU PARA OS DESAFIOS DO FUTURO: UM ESTUDO SÓCIO-LINGUÍSTICO DE UM MICROCOSMOS MULTILINGUÍSTA *

Sylvia S. L. leong **

INTRODUÇÃO

Na contagem decrescente para 1999 e para o século XXI, partilhamos o sentir de que o ensino das línguas é uma das tarefas de maior importância que se colocam a Macau. Mudanças dramáticas e os desafios do novo século assinalam já o milénio, que nós — homens e mulheres da presente geração — teremos a oportunidade de poder testemunhar, apenas no curto espaço de oito anos.

A comunicação começa com uma descrição sucinta da situação sócio-linguística de Macau e simultaneamente apresenta algumas analogias que importam referir, entre Hong Kong e Macau, as cidades-estado, geminadas, que têm reflectido o mesmo sentir durante os acontecimentos de maior importância, principalmente nas últimas décadas. Tomando como ponto de partida esta gemação com Hong Kong, Macau tem ainda a considerar possibilidades várias, para além do Delta do Rio das Pérolas — uma fronteira que tende a diluir-se — do Estreito de Taiwan e dos oceanos que a unem à Europa e à Comunidade Europeia, beneficiando de séculos de relacionamento com Portugal de natureza administrativa e dos intercâmbios continuamente enriquecedores entre o Oriente e o Ocidente.

Cumulativamente, há ainda a considerar o cenário do sistema de ensino das línguas em Macau e o seu estatuto único internacio-

* Comunicação apresentada no «Seminário internacional das línguas faladas em Macau: evolução no período de transição», organizado pela Associação de Ciências Sociais de Macau entre 28 e 31 de Março de 1992.

** Professora da Escola Superior de Educação da Universidade de Macau.

nal, que brevemente será substancialmente estimulado por diversos projectos globais, alguns deles imbuídos por ideais, aspirações e temas de índole humanística.

A globalização, o progresso social e futuros desenvolvimentos requerem uma elite multilinguística a par de uma população amplamente educada. Desconhece-se até ao presente, a existência de qualquer pesquisa global ou específica efectuada neste microcosmos multilinguista. O estágio de desenvolvimento da formação profissional dos professores de línguas, também, neste Território, não passa ainda da infância. «Algumas considerações sobre o significado social da língua constituiram o resultado da pesquisa sócio-linguística sobre o bilinguismo e o multilinguismo. São trabalhos deste género que têm revelado, bastante significativamente, algumas das vias pelas quais a diversificação linguística ajuda a reflectir e a clarificar os valores sócio-culturais». (J. B. Pride & J. Holmes, 1979).

Uma parte da minha comunicação aponta para a urgência de um trabalho de pesquisa sistemática, neste microcosmos que assenta num cruzamento de culturas multilinguísticas, e identifica as principais áreas de estudo, enquanto que a parte restante se dedica a considerações sobre a formação dos professores de línguas. São apresentadas propostas específicas, propondo-se o recurso ao recrutamento de técnicos locais que dominam os vários idiomas falados em Macau.

Na realidade, a problemática da língua é um assunto que foi levantado há já muito tempo, e é tido como um dos factores vitais que mais contribuirão para a decisão do futuro de Macau e que se tornou especialmente relevante e urgente durante o actual período histórico de transição.

Este sentido de «urgência», impeliu-me a efectuar o meu primeiro estudo sócio-linguístico de Macau e das implicações aí decorrentes do ensino das línguas, que pretende dar uma resposta linguística a preocupações surgidas e relacionadas com uma dinâmica política, económica e social.

Entende-se, portanto, que só um ensino e uma aprendizagem efectuados de forma diligente, conscienciosa e sistemática, combinados com uma aplicação eclética de métodos e princípios efectivos, assentes em teorias válidas, orientados para resultados práticos e para uma comunicação efectiva, só deste modo será possível obter qualidade no ensino e na aprendizagem de línguas em Macau.

Metodologicamente, a área abrangida neste estudo move-se, em linhas gerais, nas primeiras secções, de um macro-nível da pesquisa sócio-linguística para um macro-nível nas partes finais. A ênfase oscila entre as exigências sócio-económicas, políticas e culturais criadas na competência do uso das línguas e dos dialectos que vigoram na comunidade e as exigências criadas à oportunidade individual de quem aprende a obter esses códigos.

ENQUADRAMENTO SÓCIO-LINGUÍSTICO

A descrição mais adequada da sociedade actual de Macau é sem dúvida a que foi feita pelo Professor Boaventura Sousa Santos, Director do Centro de Estudos de Economia e Ciências Sociais da Universidade de Coimbra, Portugal, quando diz que «Macau é um microcosmos bastante complexo, uma antiga colónia portuguesa com características muito específicas, uma sociedade multicultural, multilinguista onde diversos tipos de pluralismo se combinam ou justapõem: pluralismo cultural, sócio-político, linguístico e jurídico» (1991).

Depois de dois anos de investigação sócio-linguística em Macau, a primeira do género realizada por um investigador ocidental da área social, referimos a parte final, por ser em sua opinião, uma das linhas de orientação possíveis para as tarefas a realizar: «Macau é já culturalmente uma sociedade verdadeiramente pluralista, e como tal, assim deverá permanecer. Encontramos aqui, misturadas de uma forma bastante complexa, a cultura chinesa, os usos e costumes das gentes do Sul, os traços culturais específicos de Macau, a cultura administrativa portuguesa, a cultura económica de Hong Kong, etc. A identidade de Macau não é um conceito abstracto. Assenta na qualidade de vida da população, nos jardins e na arquitectura, na gastronomia e na perspectiva cosmopolita» (ibidem).

Na verdade, os diversos pluralismos moldaram Macau num «museu» de tipo único (Gary Ngai, 1991) que com todo o rigor exhibe quatro séculos da sua história, cultura, civilização, mudanças de população e de desenvolvimento económico, que remontam ao tempo da «Rota Marítima da Seda».

A população de Macau, que agora totaliza 401 800 indivíduos (segundo dados da Direcção dos Serviços de Estatística e Censos, 1991) é composta por novos imigrantes e antigos residentes, ambos chineses e macaenses. Macau não beneficiou apenas de ser o herdeiro de uma riquíssima herança cultural portuguesa e chinesa, é também o local onde o português, o chinês e o inglês — três das línguas mais faladas no mundo — são usados da maneira mais complexa e dinâmica. Se por um lado a língua mais falada é o cantonense e a língua oficial do governo é a portuguesa, o inglês prevalece no campo financeiro, comercial, dos negócios, do turismo, do lazer, da educação e em muitos outros intercâmbios internacionais. Em suma, a língua inglesa também serve de intermediário entre os falantes de outras línguas diferentes. Por vezes, também, o inglês serve como intermediário entre chineses e portugueses.

Para além disto, também os documentos mais elaborados ou de linguagem de maior dificuldade de compreensão têm, por vezes, de

ser primeiramente traduzidos para inglês e só depois respectivamente para chinês ou português.

Um exemplo elucidativo desta situação é a pressa surgida para se traduzir toda a legislação portuguesa em vigor em Macau para chinês até 1999. Devido à grande complexidade do trabalho, houve sugestões no sentido de se traduzirem as leis, primeiro para inglês e, só depois, para chinês. Quando troquei impressões acerca deste assunto, com uma amiga portuguesa que exerce a advocacia, ela foi retórica e de certo modo poética, dizendo, «Será que os académicos não compreendem que isso é impossível? Acredita, de facto, ...acredita verdadeiramente que existam técnicos especializados e em número suficiente, para lidarem, simultaneamente, com três línguas e três sistemas jurídicos? O sistema legal português e chinês têm em comum o mesmo que a greda e o queijo, o mesmo que a sereia e o dinossauro!». No entanto, por estranha que possa parecer a comparação, assemelha-se mais a um aviso. Uma visão sobre a situação de Hong Kong poderá ajudar na compreensão do nosso problema.

Segundo a opinião de Jacqueline Leong QC¹, Presidente da Associação dos Advogados de Hong Kong, o empenho do Governo em conseguir uma tradução fidedigna de toda a legislação, para chinês, parece ser «uma tarefa gigantesca para resultar na íntegra... O mais importante é que você não consegue sequer traduzir a lei na sua totalidade, nem os casos especiais da Lei Básica. Também é difícil aplicar o chinês ao sistema da Lei Básica, por não ser um sistema codificado de leis»².

Os juristas do Governo de Hong Kong bem anseiam por produzir a versão chinesa, mas só ainda cerca de 10% das 20 000 páginas dos decretos puderam ser traduzidos, durante quatro anos de trabalhos, iniciados em 1987. E a pré-redacção feita até agora tem sido criticada de «difícil leitura e de não ser chinês» (ibidem). Por conseguinte, há boas razões para acreditar que o Código Civil da República Portuguesa, que pertence ao tronco romano-germânico, é mais complexo e que o trabalho de tradução é verdadeiramente hercúleo, se não for mesmo uma tarefa de impossível resolução.

Verifica-se a situação interessante de, se por todo o lado ecoam vozes apaixonadas em defesa de um maior uso da língua chinesa, dando-lhe um estatuto verdadeiramente oficial, ouvimos também e sentimo-nos emocionados com os apelos onde se sente a ânsia pela protecção e preservação do português. Esta situação é compreensível, atendendo a que Macau está a ser administrado quase há 450 anos por um governo português. A língua portuguesa nunca

¹ Abreviatura de título honorífico inglês, Queen's counsel.

² Artigo do jornal South China Morning Post: Questões Jurídicas na Tradução da Lei em Hong Kong, 20 de Março de 1992.

rivalizou em estatuto e popularidade com a inglesa, e existe a possibilidade do português vir a ser gradualmente esquecido e substituído pelo inglês. Para preservar a identidade de Macau e os seus traços peculiares, há quem argumente que é necessário proteger e preservar a língua e a cultura, não só na forma de herança cultural que se guarda em museus, mas também nas diversas funções e fins de carácter administrativo, legislativo e jurídico.

Um outro fenómeno linguístico interessante a observar são os macaenses euroasiáticos, que constituem 2% da população de Macau. Falam cantonense e português, mas não lêem ou escrevem chinês. Na generalidade, são quadros médios do funcionalismo público que estabelecem uma «ponte» natural entre os quadros superiores da Administração Portuguesa e a comunidade chinesa (Gary Ngai, 1991). Por outro lado, muitos dos funcionários públicos que se encontram na base da hierarquia administrativa são geralmente trabalhadores não especializados, falam alguns rudimentos de português, mas não dominam ou escrevem português. Constata-se que as palavras que dominam e usam com mais frequência são «casa», «amigo» e «dinheiro», o que logo remete para um dos três maiores domínios do uso da linguagem em Macau: habitação, escola e local de trabalho, ou mais precisamente, família, educação e emprego.

Em acréscimo ao chinês, português e inglês, as dezenas de milhar de turistas que acorrem a Macau, diariamente, também falam uma grande variedade de línguas. E não nos podemos esquecer que existem cerca de 50 000 chineses imigrantes, que regressaram para se fixar em Macau e que continuam a falar a língua dos países onde durante muitos anos viveram. Se der um passeio pelo centro da cidade, terá a oportunidade de ver e ouvir pessoas oriundas das mais variadas partes do mundo e de diversas regiões da China, a falar uma diversidade de línguas e dialectos. Não é fácil poder encontrar-se uma tão grande concentração de línguas e dialectos numa cidade tão pequena como é Macau, cuja área total perfaz 17 km², incluindo as duas ilhas adjacentes — Taipa e Coloane.

Naturalmente, e em tais circunstâncias, a interligação, os «limites indefinidos» e a mistura das línguas acabam por ser inevitáveis. Obviamente que manter todas as línguas com um alto nível é uma tarefa árdua. Na verdade, os professores de línguas, académicos e educadores, sentem-se cada vez mais preocupados com o crescente aumento de uma mistura caótica de línguas, sem qualquer nível, fenómeno que se verifica, sobretudo, nos trabalhos escritos dos estudantes. Muitos professores criticam e não aceitam algumas composições que aparecem salpicadas de palavras e expressões inglesas. Parece que os «ambientalistas» linguísticos e os «conservadores» estão a travar uma batalha perdida, ao tentar

acabar com a «degeneração», defendendo a «pureza» das diversas línguas. Num trabalho intitulado «O desenvolvimento normal da língua chinesa e a interacção de códigos-mistos em Macau», o Professor Cheng Xiang-hui e o Director Liu Xian-bin, apresentaram uma série de exemplos interessantes da influência mútua e assimilação de diferentes línguas na conjuntura multilinguística de Macau. Os dois catedráticos criticaram o que chamaram de «Chinglish», definindo esta expressão de «Chinês deturpado, misturado com palavras e expressões inglesas» (1990).

Apesar do que vier a acontecer, este fenómeno linguístico é uma realidade entre nós. Não obstante as preocupações subjacentes ao ensino e aprendizagem das línguas, este enquadramento sócio-linguístico não deixa de nos brindar com algumas vantagens, desafios e, também, com alguns problemas. Visto de uma forma positiva, Macau pode tornar-se num local privilegiado de formação de professores e alunos de línguas. Também, podemos considerar a possibilidade de vir a ser um local óptimo para os linguistas, professores e sócio-linguistas desenvolverem trabalhos de investigação sobre bilinguismo, multilinguismo, metodologias para o ensino de línguas, e de vários ramos da linguística, especialmente a sócio-linguística.

A SITUAÇÃO ACTUAL DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA EM MACAU

Como atrás referi, Macau ainda não criou o seu próprio sistema de ensino.

Apesar do Governo ter já dado os primeiros passos, traçando «Um Perfil para a Educação» e a «Lei-Quadro do Ensino Superior», a questão crucial da língua tem sido omitida das agendas das reuniões do Conselho de Educação. Pode-se esperar que todos os elementos essenciais ao processo de aprendizagem e ensino da língua — política, objectivos, administração e organização, disciplinas profissionalizantes de maior interesse, escolha dos tipos LL/LT³, estágio de professores, orientações e metodologias, quadro silábico, elaboração de materiais, limitações à realização de LL/LT, o aluno e a avaliação (Peter Strevens, 1977) — irão permanecer, como tarefas de difícil realização. Poderão ser necessários muitos anos para as realizar, ou poderão mesmo, nunca chegarem a ser realizadas. Na realidade, o pluralismo é um facto demasiado óbvio e persistente nos sistemas de ensino em Macau, que diferem, normalmente, na afiliação escolar, orientação dos estudantes e percentagem de professores. Por exemplo, as escolas que preparam os alunos para as universidades de Taiwan tendem a seguir o sistema de ensino de Taiwan, enquanto que as escolas que preparam os seus

³ Aprendizagem de línguas/ensino de línguas.

alunos para estudar em Hong Kong seguem o sistema de ensino de Hong Kong. No entanto, a opção na escolha dos sistemas de ensino é feita, basicamente, de acordo com o método de ensino adoptado, individualmente, por cada escola. Cada uma das escolas escolhe o seu método de ensino segundo a tradição, as características específicas e identificações, necessidades e aspirações dos estudantes, e dos recursos disponíveis. Trabalhando de acordo com estas definições, encontramos, basicamente, quatro tipos de sistemas de ensino em Macau: escolas chinesas do ensino médio, escolas inglesas do ensino médio, escolas portuguesas do ensino médio e escolas bilingues (Luso-Chinesas). Perante as últimas estatísticas reveladas pelo Governo, existem, no corrente ano lectivo 1991-1992, 137 escolas chinesas do ensino médio, com mais de 65 000 alunos, compreendendo cerca de 83% da população estudantil de Macau; 16 escolas inglesas do ensino médio, com pouco mais de 7 000 alunos, constituindo 9% da população estudantil, enquanto que as restantes são escolas oficiais portuguesas do ensino médio, com 3 297 alunos. O que é surpreendente em relação a estes dados é a existência de cerca de 80 000 jovens estudantes numa população de 400 000, ou seja, um entre cada cinco habitantes de Macau é um estudante do ensino primário ou secundário.

Ainda é mais surpreendente o facto das três línguas — chinês, inglês e português — serem leccionadas em todas as escolas de Macau, as duas primeiras como ensino obrigatório e a última, virtualmente «eleita compulsivamente». Das três línguas, o português parece ser a «estrela favorita», beneficiando de um forte apoio governamental, dos melhores professores e instalações. O Governo também oferece ajuda financeira às escolas que organizam cursos em língua portuguesa, disponibilizando-lhes professores portugueses qualificados, geralmente recrutados a Portugal.

Verifica-se que o Governo tem desenvolvido esforços para, nos anos que restam de administração portuguesa em Macau, promover o ensino e a aprendizagem da língua portuguesa. E com que resultados? Bom, há uns anos atrás, alguns investigadores, chineses e ocidentais, descreveram a atitude do Governo de «fútil», afirmando não acreditarem que a administração portuguesa pudesse obter, apenas num par de anos, o que nunca conseguiu em quatrocentos anos. Agora, até parece que o incentivo certo produz milagres. Em tempos, andei a aprender português, num curso nocturno. O professor deu a cada um de nós um questionário, e pediu-nos para apresentarmos os motivos da nossa opção pela língua portuguesa. Recordo-me que todos à minha volta escreveram «quero ganhar mais dinheiro!». É atribuído um bónus a todos os funcionários públicos que atingirem um nível superior de domínio da língua portuguesa e chinesa. No caso de certos funcionários públicos, esta situação tornou-se obrigatória, levando-os a conti-

nuar os estudos bilíngues em português e chinês, com seis horas de estudo semanal. Deste modo, os gabinetes de alguns serviços do Governo acabaram por se transformar, diariamente das nove às dez horas da manhã, dos dias úteis, em salas de estudo destas duas línguas. Alguns serviços do Governo estão a promover cursos de chinês para portugueses e de português para chineses. As aulas nocturnas são procuradas por enfermeiros, médicos, professores, polícias e outros profissionais. Para além das aulas em horário pré-laboral, existem, igualmente, sessões à hora de almoço e outras a funcionar ao fim da tarde, em horário pós-laboral. Nunca se assistiu como agora, à corrida desenfreada das pessoas de Macau para aprenderem outras línguas! O Serviço de Administração e Função Pública promoveu um curso de aperfeiçoamento, destinado a professores em exercício, sobre metodologias do ensino da língua.

Para vinte vagas, houve mais de cem inscrições. Sendo eu uma das orientadoras deste curso, senti-me bastante encorajada e verifiquei que num curso com um horário diário, compreendido entre as 20h00 e as 22h00 da noite, não houve uma única falta.

A filosofia que subjaz a todos estes esforços é a de que, apesar de Macau vir a ser devolvido à China, a língua e a cultura portuguesa não serão, tal como não poderão ser, devolvidas a Portugal, talvez como o inglês não pode ser devolvido à Inglaterra. Um bom conhecimento da língua chinesa e portuguesa, ambas exercendo fronteiras geográficas e transcendendo nações, possibilitará a preservação e o enriquecimento do património cultural de Macau, que continuará a ser recordado e partilhado na posteridade. Este sentimento, esta implicação cultural, encontra uma melhor expressão num pequeno poema⁴ (do Instituto Cultural de Macau):

Macau é um trabalho da cultura.
As mãos de dois povos ergueram-na,
Pedra a pedra.
Escritores, investigadores, poetas,
Construíram-lhe uma Memória.
Deram-lhe um Espírito,
Página a página.
O livro é fascinante;
O livro perdura.
Nos livros, Macau vive.
Publicar é dar uma alma maior ao futuro,
Página a página

Também muito recentemente, o Dr. António Salavessa da Costa, Secretário-Adjunto para a Comunicação, Turismo e Cultura, definiu Macau como uma «cidade internacional da cultura»⁵.

⁴ Hong Kong Standard, 15 de Outubro de 1987.

⁵ «South China Morning Post», de 30 de Março de 1992.

A Universidade da Asia Oriental, foi fundada, na primavera de 1981, constituindo um marco para a educação em Macau, para os estudos superiores e das línguas, abrindo novas perspectivas à profissionalização do ensino da língua.

A Universidade é composta por um corpo docente de origem internacional e frequentada por estudantes de Macau, Hong Kong, das províncias de Guangdong e Fujian, do Japão e outras partes do mundo. O inglês é a língua intermediária utilizada no ensino. Também existem cursos em português, chinês e outras línguas. A Escola Superior de Educação da Universidade, criada em 1987, desenvolve os melhores esforços na formação de professores para as escolas de Macau.

Seminários, «workshops» durante o verão, e cursos de actualização fazem parte dos vários tipos de cursos promovidos e que têm bastante aceitação. Em resumo, o ensino da língua foi valorizado com o aparecimento da primeira universidade em Macau, universidade essa, que está a desenvolver um papel de enorme importância, em vários projectos académicos, incluindo a língua, o ensino e a investigação.

CONTACTOS INTERNACIONAIS DE IMPORTÂNCIA VITAL PARA GARANTIR A SOBREVIVÊNCIA, O DESENVOLVIMENTO E A PROSPERIDADE

O nosso contacto regional e internacional mais próximo é, obviamente, Hong Kong. Respectivamente conhecida como a «Pérola do Oriente» e «Monte Carlo do Oriente», tanto Hong Kong como Macau têm vindo a partilhar um destino comum, traçado por acontecimentos históricos, políticos e económicos similares. É uma realidade o facto destas duas cidades gémeas terem passado, juntas, por grandes transformações. Além do mais, ambas são vibrantes, são cidades-portos de grande prestígio e ambas estão na ponta de lança do desenvolvimento da Ásia-Pacífico, detendo um crescimento saudável, e dispendo de recursos humanos e industriais. Ambas souberam, subtilmente, tirar benefícios de um estatuto único e de uma posição geográfica privilegiada, souberam prosperar com um PNB de cerca de 15 000 \$USD para Hong Kong e um pouco mais de 9 000 \$USD para Macau, aproximando-se, na Ásia, dos valores do Japão, Brunei e Singapura (Gary Ngai, 1991).

A estabilidade e a prosperidade têm, até agora, sido mantidas e asseguradas através de uma auspiciosa interacção entre diversas circunstâncias favoráveis que se fizeram sentir, simultaneamente. Politicamente, ambas são colónias que vão ser reintegradas, daqui a muito poucos anos, na China, com a designação de Regiões Administrativas Especiais da República Popular da China; ambas têm uma Lei Básica para preparar de acordo com a Declaração Conjunta.

Funcionam como postos de vigilância, são as chamadas «Janelas Gémeas da China», por absorverem e importarem tecnologia, finança, informação e gestão. Ambas são pontos de encontro, entre o Oriente e o Ocidente e de fusão de culturas e línguas; ambas têm comunidades com uma atitude cosmopolita. Mais, em ambas, todos somos confrontados com os mesmos problemas e desafios, incluindo a complexidade linguística. Por exemplo, estão imbuídas da mentalidade «estar de passagem», ligado a um sentimento de insegurança em relação ao futuro, alterações drásticas de valores, fuga de técnicos, falta de professores, etc. Durante o período de transição, todos nós sentimos a urgente necessidade de um ensino de línguas qualificado, que terá de passar pela investigação e pela formação de professores, para nos prepararmos para o futuro. Na ocasião de uma visita aérea feita a Hong Kong, em Março de 1992, o Dr. António Salavessa da Costa, Secretário-Adjunto para a Comunicação, Turismo e Cultura, reiterou a importância desta ligação internacional, dizendo, «... Macau e Hong Kong devem trabalhar em conjunto, política e economicamente. As duas partes estão, agora, quer a nível privado quer oficial, a trabalhar de uma forma mais próxima, mas os laços devem ser, no futuro, ainda mais reforçados... os problemas que ambas enfrentamos, neste período de transição, são praticamente os mesmos: problemas delicados relativos à localização dos funcionários públicos, às leis, de relacionamento com os chineses, e com os problemas da língua»⁶.

Por outro lado, verificam-se diferenças óbvias na extensão geográfica, população, poder económico, relações internacionais, etc. Podem-se, também, verificar profundos contrastes, a nível da educação. Se em Hong Kong, a escolaridade obrigatória e gratuita é de nove anos, a administração de Macau está agora a pensar em seis anos, para o tempo da escolaridade obrigatória gratuita. Se em Hong Kong, a educação é uma preocupação do Governo, em Macau verifica-se que 93,5% dos estudantes, frequentam o ensino privado (Rosa, 1991). E, enquanto que o Governo de Hong Kong está profundamente empenhado com as questões do ensino da língua e da formação de professores, como se pode verificar no relatório da Comissão para a Educação, o Governo de Macau poderá ainda ter de aguardar vários anos, até conseguir formular as suas políticas e planos.

Se atentarmos nestas diferenças, de ordem quantitativa e qualitativa, pode-se apenas esperar que Hong Kong venha a ter uma influência maior sobre Macau, neste sentido, ou bastante significativa.

E é natural que assim seja, dado o forte impacto que Hong Kong faz sentir, em todos os aspectos da vida de Macau, mesmo no aspecto sócio-linguístico. Este é um facto, da vida de Macau, que

⁶ «South China Morning Post», 10 de Março de 1992.

todos, de uma maneira ou de outra, identificam com Hong Kong. Não é exagerado dizer-se, por exemplo, que 100% dos telespectadores de Macau vêem os programas da televisão de Hong Kong. Este poderoso meio de comunicação tem uma profunda influência sobre a população de Macau (atingindo todas as camadas etárias), especialmente no seu desenvolvimento linguístico e nos hábitos da linguagem. Todos nós já verificámos que as nossas crianças, apesar de mal saberem falar, são capazes de trautear as canções dos anúncios publicitários, assimilando a cultura, os valores e os fragmentos da língua.

Foram feitos, ou pensa-se que estão a ser feitos, grandes esforços para estabelecer e reforçar os laços com a região do Delta do Rio das Pérolas, de Taiwan, com a Comunidade Europeia e demais países da Europa, com a bacia da Ásia-Pacífico e com muitas outras partes do mundo. Em todos estes «casamentos», não podemos esquecer o papel vital das línguas.

Apesar de não passar de um mero ponto, e até ser, muitas vezes eclipsado do mapa, Macau tem um estatuto próprio, um atractivo internacional muito especial e uma grande capacidade de, por todo o mundo, promover actividades. Organiza, regularmente, um imenso número de acontecimentos globais e anima-se, ao longo do ano, com festivais e celebrações. Macau atrai um leque enorme de estrelas internacionais do mundo da canção, do Grande Prémio e da pirotecnia. Só em 1991, aconteceu o 3.º Festival de Fogo de Artificio, o 5.º Festival Internacional de Música e o 38.º Grande Prémio — ressoando com uma enorme variedade de discursos, feitos entre cintilações, melodias e o barulho dos motores. Também, 1992 já teve a oportunidade de testemunhar a mais variada série de conferências internacionais, seminários sobre a banca, negócios, turismo, investimento e financiamento na Comunidade Europeia e sobre o funcionamento da língua em enquadramentos plurilinguistas. Estão já canalizados esforços similares sobre assuntos relevantes para os futuros empreendimentos em Macau. Também aqui se verifica a maior densidade do mundo em hotéis de cinco estrelas, e começa já a ser um local procurado para a realização de conferências e seminários internacionais.

Na verdade, a nossa cosmopolita cidade de Macau, caracterizada nos anos 90 pelos casinos pupulando de jogadores e recantos tranquilos, continuará a atrair, não só viajantes, comerciantes, aventureiros, exploradores e missionários, mas também os investidores, executivos, investigadores e académicos, das mais variadas partes do mundo.

Mais ainda, foi já feito, ou está em curso, um determinado número de planos ambiciosos com vista a estimular o estatuto internacional de Macau e a transformá-la num destino turístico e num paraíso na terra. O projecto mais espectacular é o do Aeroporto Internacional de Macau, cuja conclusão está prevista

para 1995. Mais avançado que este projecto está o novo Terminal Ferry. Nos novos projectos, também se inclui o porto de contentores de Ká-Hó, a segunda ponte Macau-Taipa e a Rede Ferroviária de ligação do Delta do Rio das Pérolas. Menos espectacular, mas mais profundo de significado, é a construção do Complexo que integra a Estátua da «Esperança e da Felicidade». É bastante difícil de descrever aqui e em poucas palavras, este projecto bastante invulgar. Apenas saberei dizer-vos que uma equipa constituída por dedicados e inspirados arquitectos, artistas, engenheiros e outros profissionais, apoiados por consórcios internacionais, trabalhou, calmamente, neste projecto durante oito anos. O tema de índole humanista foi concebido, a partir da convicção de que a humanidade concebeu o maior e mais monumental dos projectos, semelhante à Torre Eiffel, para comemorar o Centenário da Revolução Francesa, e a Estátua da Liberdade para comemorar o Centenário da Independência da América, que tão bem souberam agarrar as oportunidades históricas. Para trás ficou um passado maravilhoso de que elas são a expressão e fonte de inspiração última para as gerações futuras. Portanto, cumpre-nos, a nós, neste momento histórico, agarrar a oportunidade do «Passagem do Milénio», que surge na humanidade, apenas uma vez em mil anos. É uma dávida abençoada poder celebrar-se a mudança de século: é um monumento de inspiração a comunicação no hemisfério oriental com os seus opostos do hemisfério ocidental; é um ponto de unidade criar um mundo de paz, esperança, boa sorte e felicidade eterna para toda a humanidade. Não podemos deixar fugir, esta oportunidade das nossas mãos. É uma responsabilidade que significa, para nós, o preservar da situação global privilegiada de Macau e do multilin-guismo que apresentará a profissão do ensino de línguas de forma dinâmica e cheia de desafios.

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A INVESTIGAÇÃO

Se nos debruçarmos sobre a situação do ensino e aprendizagem da língua em Macau, veremos um conjunto de problemas. Por exemplo, os estudantes de Macau enfrentam as dificuldades inerentes ao uso simultâneo de três línguas — chinês, português e inglês, para além de uma série de dialectos. Como é que os falantes gerem um meio de tal dimensão linguística? Como é que passam de uma para outra língua ou dialecto, ou melhor, como é que misturam todas elas? Infelizmente, nunca foi feito qualquer estudo sobre esta modalidade trilingue multidialectal. Os professores de línguas têm de participar numa «guerra de linguagem» para competir, no tempo disponível dos alunos, com professores de outras línguas ou de outras disciplinas. Como não existe nem um sistema unificado nem um planeamento geral, verifica-se, muitas vezes, confusão, sobreposição e excesso de trabalho, entre outras situações, resultando

num ensino estanque, sem dinamismo, com modelos divergindo amplamente nas várias escolas. Reconhecendo-se o uso simultâneo de três línguas, sem uma boa base na língua principal, pode acabar por não se obter bons resultados em nenhuma delas.

É escusado dizer que a qualidade do ensino das línguas depende da qualidade dos professores e programas de formação de professores adequados, baseados e orientados por resultados de pesquisas que constituem uma base de informação e referência para o treino dos professores. Contudo, isto tem sido assinalado como o ponto mais fraco em Macau. A situação tem melhorado com a criação e o desenvolvimento da Universidade de Macau, que irá assumir o papel de orientador no ensino e na pesquisa. O ensino e a investigação são as duas funções básicas e complementares das universidades. Sem pesquisa, o mundo académico ficaria estagnado e não haveria novas teorias. E novas teorias são essenciais no desenvolvimento do processo de ensino. Então, as mais importantes actividades de pesquisa, como sejam os estudos linguísticos, e a política de desenvolvimento da língua, devem ser desenvolvidos pela universidade e pelo departamento de educação do Governo. São imperativas as investigações nas seguintes áreas:

1. Uma investigação precisa dos factores sociais, históricos, económicos e políticos, que tenham contribuído para o cruzamento da sua cultura, enquadramento multilinguista, com o objectivo de identificar as necessidades linguísticas futuras e fazendo o acerto de políticas para a transição de Macau.

2. Um exame dos vários domínios do uso e comportamento da língua, por forma a obter o estatuto geral da escolha da língua e a designação dos ramos principais das situações interactivas, tópicos, o desempenho de funções e locais do nosso enquadramento multilinguista, acompanhado de sugestões para a realização de modelos e objectivos.

3. Um estudo compreensivo de todos os tipos de escolas de Macau, baseados, não só, no sistema de ensino, orientação dos alunos ou na afiliação das escolas, mas também, com objectivo de obter o quadro teórico para a sistematização e coordenação do ensino da língua e do planeamento das escolas de Macau.

4. Um estudo profundo da relação custo-eficácia entre o tempo gasto na aprendizagem da língua e os resultados, por forma a identificar os problemas no processo global do ensino e aprendizagem e a sugerir soluções positivas.

5. Uma avaliação cuidada de todos as ajudas disponíveis no ensino, por forma a evitar soluções com recurso a «hardware» muito dispendioso ou «software» inadaptado e desperdiçando recursos, com experiências em laboratórios de línguas sofisticados, computadores, etc., explorando, pelo contrário, as possibilidades reais e

pragmáticas, por forma a que alunos e professores possam delas tirar proveito.

6. A investigação aprofundada no estudo das teorias LL/LT, e de vários aspectos da sócio-linguística, para organizarem novas teorias e encorajar inovações no ensino da linguagem nesta situação especial multilingue.

7. Um estudo consciencioso da génese da língua, das propriedades universais partilhadas por todas as línguas da humanidade, da Gramática Universal e da sua importância para a aquisição do conhecimento de uma segunda língua.

Macau dispõe de uma equipa internacional de ensino. Para o caso da língua inglesa, encontram-se, para além dos professores graduados localmente, outros oriundos da Grã-Bretanha, Estados Unidos, Canadá, China, Filipinas, Malásia, Tailândia, Índia, Birmânia, Indonésia, Médio-Oriente e Uganda. Investigações relacionadas com estes professores podem preencher um livro e as suas histórias um grande volume. As escolas principais e outros educadores têm diferentes perspectivas e reservas, acerca de tal força de educadores, e isto devido a uma tão grande e diversificada variedade dialectal do inglês, divergências na qualificação profissional, valores culturais, personalidades, etc., bem como dificuldades na comunicação e gestão.

Contudo, visto de uma maneira positiva, existem vantagens e desvantagens, pesando mais as primeiras. E considerando a falta de professores de línguas em Macau, as exigências futuras e as suas características multinacionais, uma tal força de ensino é benéfica e pode ser melhorada com serviços adequados de formação. Tal formação tem como finalidade incentivar um sentido de grupo e de qualidade nesta equipa de ensino. É uma ocasião para se obter bons resultados, porque estes professores estão próximos e exercem já a sua actividade.

Finalmente, gostaria de mencionar que este trabalho é um estudo preliminar com o objectivo de revelar problemas e levantar pistas na pesquisa sócio-linguística que é uma área não desenvolvida em Macau. Acredita-se que os linguistas e os professores de línguas venham a tomar consciência dos desafios presentes e futuros e que contribuam para o aperfeiçoamento desses domínios.

Estou consciente que muitas questões carecem de resposta e ficam por responder. Lamento as limitações da minha capacidade, tempo e recursos e espero que os investigadores interessados possam explorar esta área, por forma a que resultados mais concretos e construtivos possam ser indicados aos políticos da educação e professores.